

Os Seminários em que



Por
SILVA ARAÚJO

Damos hoje continuidade à publicação de um conjunto de memórias do Monsenhor Domingos Silva Araújo sobre os seminários onde viveu e se formou. No número anterior deste Suplemento, publicado no dia 13 de novembro 2019, Silva Araújo escreveu sobre a sua passagem pelos Seminários Conciliar e de Santiago, dos tempos difíceis de então e dos horários.

IV

De novo em Santa Margarida

Concluído o Curso de Filosofia, em outubro de 1955 regressámos ao Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo, na Rua de Santa Margarida, para os quatro anos do Curso de Teologia.

Continuavam Reitor do Seminário Conciliar o Cónego António de Castro Mouta Reis e Prefeito de Estudos, o P. Dr.

José Fernandes de Carvalho Arieiro. Era Diretor Espiritual o P. Dr. António Durão, da Companhia de Jesus. Permaneciam Secretário, o P. Manuel Araújo de Abreu Carneiro, e Ecónomo, o P. Manuel Vaz Coutinho. Havia dois prefeitos diferentes dos do quinto ano. Continuavam o P. Gonçalo Araújo de Abreu Pinheiro, e o P. Domingos Alves Pereira, mais os PP. António Carvalho Mariz e António Cachadinha Alves. No quarto ano o P. Gonçalo foi substituído pelo P. Manuel Soares de Magalhães.

Ao Reitor chamávamos, carinhosamente, Reitorzinho. Era a bondade em pessoa. Tratava-nos por meninos. Recordo uma das suas recomendações: «meninos, comprem bom, que somos pobres». E argumentava com o provérbio popular: «quem se veste de ruim pano veste-se duas vezes no ano». Era muito devoto do Santo Cura de Ars e de Santa Margarida Maria. Diversas vezes visitou Ars, Lourdes e Paray le Monial.

Na altura em que frequentávamos o terceiro ano foi ordenado Bispo de Telmissus e Auxiliar de Braga D. Francisco Maria da Silva.

Estudámos: Teologia Fundamental, Teologia Moral, Teologia Ascética e Mística, Teologia Pastoral, História Eclesiástica, História da Igreja em Portugal, Patrologia e Patrística, Introdução Bíblica e Exegese, Direito Canónico, Liturgia, Hebraico, Grego Bíblico, Ação Católica e Missiologia, Pedagogia Catequística, Arqueologia e Arte Sacra, Oratória Sacra, Canto Gregoriano, Higiene e Enfermagem.

Livros de Texto: *Institutiones Theologiae Dogmaticae*, de Lercher; *Summa Theologiae Moralis*, de H. Noldim; *História Eclesiástica*, de D.



08 - No IV ano de Teologia (1958-1959). Matriculámo-nos 30 e fomos ordenados sacerdotes 29.

Llorca; *História Eclesiástica de Portugal*, do P. Miguel de Oliveira; *Curso de Patrologia*, do Arcediogo Dr. Insuelas; *Praelect. Biblic. Compendium*, de Simon-Prado; *La Sainte Bible*, de Pirot-Clamer; *Instituições de Direito Canónico*, do Cónego José António Martins Gigante; *Curso de Teologia Pastoral*, de P. Naval; *Liturgia Bracharensis*, *Curso de Liturgia Romana*, de D. António Coelho; *Rudimenta Linguae Hebraicae*, de Vosen Kaulen; *Tratado Elementar de Pedagogia Catequística*, de D. Llorente; *Manual do Catequista*, de J. Perardi; *Elementos de Arqueologia e Arte Sacra*, do Cónego Manuel de Aguiar Barreiros; *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, de Tanquerey; *Novo Curso de Oratória Sagrada*, de José de Oliveira Dias.

Recomendava-se a leitura de *Urbanidade e Conveniências Eclesiásticas*, de Branche-reau, traduzido e adaptado à

realidade portuguesa por D. Manuel de Almeida Trindade.

Foram nossos professores: P. Alberto José Brás, P. Dr. Alexandrino Fernandes dos Santos, P. Dr. António de Castro Mendes, P. Dr. António de Castro Xavier Monteiro, P. Dr. António Ferreira Rodrigues, Cónego Dr. António Gonçalves Molho de Faria, Cónego Dr. António José Ribeiro, P. Dr. Armando de Jesus Marques, Cónego Dr. José António Martins Gigante, P. Dr. José Fernandes de Carvalho Arieiro, Cónego Dr. José Martins Gonçalves, Cónego Dr. Luciano Afonso dos Santos, Cónego Dr. Manuel Ferreira de Faria, Cónego Manuel Rodrigues de Azevedo.

Também frequentámos um Curso de Defesa Civil do Território, orientado pelo Dr. João Leitão de Azevedo e Sousa e pelo Prof. Antunes, penso que de Pedralva.

Horário

Nos dias de aulas o horário

era o seguinte:

06H00 – Levantar
06H20 – Orações da manhã. Meditação.
07h00 – Missa.
07h45 – Estudo
08h15 – Almoço
08h30 – Tempo livre
08h45 – Aulas
09h35 – Tempo livre
09h45 – Aulas
09h35 – Tempo livre
09h45 – Aulas
10h35 – Tempo livre
10h45 – Aulas
11h35 – Tempo livre
11h40 – Aulas
12h30 – Exame particular
12h45 – Jantar, visita ao SS.mo e recreio.
14h30 – Estudo
15h00 – Aulas
16h00 – Estudo
17h00 – Recreio e merenda
17h30 – Leitura espiritual
17h45 – Estudo
20h00 – Ceia e recreio
21h00 – Terço, Bênção do Santíssimo, exame de consciência e preparação da Me-

vivi (4)

ditação
22h00 – Repouso

Horário nos dias feriados:

06h00 – Levantar
06h20 – Orações da manhã.
Meditação.
07h00 – Missa (cantada aos domingos e dias santos).
08h15 – Almoço e recreio
09h00 – Ensaios
10h00 – Recreio
10h30 – Estudo
12h30 – Exame particular
12h45 – Jantar, visita ao SS.mo
13h30 – Passeio
17h00 – Recreio e merenda
17h30 – Leitura espiritual. Aos domingos, Vésperas cantadas
18h00 – Estudo
19h15 – Prática pelo diretor espiritual
20h00 – Ceia e recreio
20h45 – Terço, Bênção do Santíssimo, exame de consciência e preparação da Meditação
22h00 – Repouso

Depois das 22h00 era expressamente proibido conservar as luzes acesas nos quartos.

A partir da entrada em Teologia já íamos para férias de cabeça. Já íamos, também, fazer a visita pascal, o que, quanto a mim, permitia que pudesse dispor de algum dinheiro para os meus gastos.

Antes das ordenações

Das recordações que mantenho destaco os momentos vividos antes dos retiros para ordenações.

Naquele tempo havia a prima tonsura; as ordens menores de ostiário, leitor, exorcista e acólito; as ordens maiores de subdiácono, diácono e presbítero.

Começávamos pela prima tonsura, passando a rapar o cabelo numa rodinha, numa parte posterior da cabeça, a coroa. Depois, recebiam-se as ordens de ostiário e leitor; meses depois, as de exorcista e acólito; volvido outro período de tempo, a de sub-

diácono; tempos passados, a de diácono; finalmente, a de presbítero.

Fazíamos um requerimento para receber cada uma daquelas ordens. Tal requerimento era apreciado pelos superiores, que decidiam se as deveríamos receber ou não. O não chamava-se um corte.

Antes de recebermos cada um daqueles graus de ordem éramos submetidos a um exame de avaliação de conhecimentos e fazíamos um retiro espiritual.

O momento crucial era vivido antes da entrada em retiro. Por volta das dezoito horas

Formação espiritual e intelectual

Os diretores espirituais eram da Companhia de Jesus. Além da disponibilidade para nos ouvirem de confissão faziam semanalmente uma palestra na capela. O P. António Durão era de uma cultura invulgar. O P. Manuel Ferreira repetia muitas vezes a mesma coisa. Justificava-se, dizendo que «a verdade não se rompe».

Este, ao referir o texto bíblico que fala da criação da mulher a partir de uma costela do homem, exclamava: «daqui se conclui que foi a mulher que saiu do homem

em cada uma das disciplinas.

Grande parte dos livros que seguíamos eram da BAC – Biblioteca de Autores Cristianos, de Madrid.

Trimestralmente havia uma disputa. Também aqui uma vez me calhou a defesa da tese.

Uma das aulas que proporcionava especiais momentos de alegria era a de oratória, orientada pelo Cónego José Martins Gonçalves.

Ao longo do ano havia sermões feitos por seminaristas: o da Imaculada Conceição, o de S. Tomás de Aquino, o de S. José... Havia diversas academias: de Santa Cecília, de S. Tomás de Aquino, do Oriente Cristão. Nestas usavam da palavra diversos alunos e atuava o orfeão.

Alguns faziam homilias na igreja da Senhora-a-Branca.

Continuavam, não para todos, aulas de harmónio e de

pobres. A um aluno que agiu menos bem chamou-lhe «sua azémola». Como lhe tivessem dito tratar-se de alguém que já era diácono, respondeu: «é uma azémola sagrada.»

No dia a dia

Nas saídas era obrigatório o uso do chapéu preto.

Ajustávamos a batina com uma faixa que começou por ser de três cores e depois, preta com dois distintivos da cidade de Braga.

Só no quarto ano íamos a passeio, três a três, sem Prefeito.

Às vezes, ao domingo à tarde, íamos para o sopé do monte Picoto, ao longo da estrada Braga-Guimarães, ver jogos de futebol que se disputavam no Estádio 28 de Maio (agora, 1.º de Maio).

Nos dias de Carnaval íamos à igreja de S. Paulo à celebração das 40 Horas. Numa das noites havia teatro, no Salão Nobre. Noutra das noites íamos ao teatro no Seminário de Santiago.

Os quartos eram como os que usámos no quinto ano, com uma diferença: o pé direito era bastante mais alto, o que contribuía para que, no inverno, fossem muito frios.

A disciplina, rigorosa, manteve-se até ao último minuto. Recordo-me de, na véspera de ser ordenado sacerdote, à noite, na sacristia, um aluno, cujo nome omito propositalmente, ter sido repreendido, não sei porquê, pelo P. António Cachadinha Alves. Resposta daquele: deixe lá isso, que a partir de amanhã já somos colegas.

Quando pretendíamos mostrar o nosso descontentamento em relação à comida, na capela, terminávamos a oração da noite com o hino a S. Sebastião, que reproduzo de memória:

*A vós hoje recorremos,
Bendito Sebastião.
Pelos males que sofremos
Tende de nós compaixão.*

*Voltei os olhos à terra,
Atendei nosso clamor.
Contra a fome, peste e guerra
Sede o nosso protetor.*

Quando se chegava ao contra a fome cantávamos com quanta força tínhamos.



09 - Pertenci ao grupo de escuteiros do Clã 8, no Seminário Conciliar. Num passeio, em Santo Tirso. 10 de abril de 1957.

soava no corredor o bater do tacaço de um dos porteiros – chamávamos-lhe o Dr. Palito, porque palitava os dentes com frequência. O aluno a cuja porta batesse, com o recado de que fosse ao senhor Reitor, era certo e sabido que ficava para mais tarde. Não entrava em retiro porque tinha recebido o tal corte.

Além disso todos os anos havia, no Seminário, uns dias de retiro em silêncio, no começo do ano letivo e em agosto.

e não o homem que saiu da mulher!»

Em 1957 foi editado o Livro de Orações (Devocionário do Seminarista). Em formato de livro de bolso e com centena e meia de páginas, era seguido nos diversos atos de piedade.

Nas aulas, além da exposição do professor havia chamadas.

As aulas de Teologia, em princípio, eram em latim.

Transitava-se de ano após um exame, geralmente oral,

piano.

Havia atividades opcionais na Legião de Maria, no Escutismo (Clã 8), na Conferência Vicentina, na Congregação Mariana, na Associação dos Amigos da Boa Imprensa.

Tentámos ressurgir a revista «Cenáculo», cuja publicação se encontrava suspensa, mas não o conseguimos.

Dirigia o Orfeão o P. Alberto José Brás. Porque nem sempre havia a desejável disciplina, enervava-se e acusava-nos de andarmos a comer o pão dos



10 - No mosteiro beneditino de Singeverga, com Armando Luís de Freitas, em 02 de abril de 1959.



11 - Grupo de seminaristas do concelho de Guimarães ordenados diáconos em março de 1959: José Vaz da Mota, Domingos da Silva Araújo, José das Neves Machado, José Arnaldo da Silva Monteiro Fernandes, Joaquim Pereira Guimarães.

Depois os responsáveis pelo coro foram proibidos de o entoar.

Os professores eram, salvo raras exceções, muito exigentes, o que fazia com que cuidássemos mais da formação intelectual do que da formação espiritual.

Um dos professores mais castiços era o Cónego Molho de Faria. Tínhamos de

aguardar a sua chegada, em fila, à porta da sala, com a murça toda descida sobre a batina (costumávamos dobrar as pontas sobre os ombros). Aconselhava um livro de texto mas seguia outro. Raríssimas vezes se ria. Um dos meus condiscípulos era o António Filipe Sampaio Neiva Soares. Porque antes tinha havido um seminarista com o apelido Neiva Pinheiro, chamou-o por esse apelido. Como o Neiva

12 - Hino do Seminário Conciliar. Letra de Ferreira Fontes e Música de Alberto Brás.



Hino

Também o Seminário Conciliar tinha o seu hino, com letra do sacerdote jesuíta J. Ferreira Fontes e música do P. Alberto José Brás. Intitulava-se Alter Christus e os versos estavam datados de 09 de março de 1937:

*Ó Juventude, ó flor do Seminário,
Que Deus cultiva para o seu altar:
Aos pés de Cristo, oculto no Sacrário,
Do sacerdócio as glórias vem cantar.*

*Coro
Ao Deus que alegre a nossa mocidade,
Suba o perfume de almas juvenis...
Glória ao Senhor, que desde a eternidade
P'ra seus ministros escolher-nos quis!*

*Aos seus eleitos dirá Deus numa hora,
Como a Jesus às margens do Jordão:
-- Meus filhos muito amados, desde agora,
Sois outros Cristos... recebei a Unção!*

*Sois outros Cristos... sois Jesus na Terra...
Vosso poder atinge os mesmos Céus!
Ao vosso Império, o Deus de amor se encerra,
Sacramentado em misteriosos véus.*

*Sois outros Cristos... sois Jesus – a Graça
Que ao mundo vem por místicos canais;
Por vossas mãos santificantes passa
Vida divina às almas imortais.*

*Sois outros Cristos ... sois Jesus – Verdade
Que ao mundo em trevas Luz divina traz;
Ao mundo em culpas sois Jesus – Bondade,
Jesus – Perdão, Jesus – a nossa Paz.*

///

*Ó flor do Seminário, ó Juventude,
Que um dia no poder serás Jesus:
Jesus é Santo – cresce na virtude;
Jesus é sábio – inunda-te de luz.*

*Neste jardim que a Virgem do Sameiro
P'ra Deus cultiva com amor de Mãe,
Cresce, floresce, ó flor deste canteiro,
Como Jesus, a Virginal Cecém.*

*Jesus é Puro – de Pureza o lírio
Ao teu jardim traga Jesus – Candor.
Jesus é Hóstia, – flores de martírio
Façam-te Cristo – Vítima de amor.*

*Jesus é Fogo... Foi para acendê-lo
No mundo inteiro que até nós baixou.
Ó Juventude inflama-te de zelo
No Coração que os homens tanto amou.*

*Teu coração transforma em viva chama
De amor a Cristo e amor à sua grei:
E agora vai – novo Jesus – inflama,
Conquista o mundo para Cristo-Rei!*

Soares o corrigisse, dizendo ser Neiva Soares, sentenciou: na minha aula é Neiva Pinheiro. E assim arrumou a questão. Magister dixit.

Valeu a pena

A caminhada feita entre 1947 e 1959 não foi fácil. Escrevia o Américo Sequeira em 1958:

*Bem sei que o mundo me chamou demente
E que o meu sangue já tingiu areias.
Mas se Deus está sempre mais à frente,
Ria-se lá o mundo eternamente,*

Fiquem, alfim, exaustas minhas veias!

Mas valeu a pena. As dificuldades foram vencidas; os obstáculos, ultrapassados; e... chegámos ao fim.

Desse tempo transcrevo dois poemas, que então publiquei em O Conquistador, de Guimarães, e se referem à ordenação sacerdotal de vimeiraneses mais velhos, enquanto aguardava pela minha:

No cais da vida

Debruçado no cais do mar da vida,

Aguardo esse momento risonho

Da chegada do meu barco de sonho

De que há anos senti a despedida.

Lançou-se ao mar numa manhã de Outubro.

Desenhada nas velas, cor da esperança,

Levava ele a cruz da confiança, Que fui pintando com meu sangue rubro.

Hoje chegaram muitos cá ao porto.

Era enorme a gente que os esperava.

E, a mim, um deles comunicava

Notícias que me dão certo conforto.

O meu, contudo, esse não viera.

Vagueia ainda lá pelo mar alto.

E eu aqui, coração em sobressalto,

Continuo, dolorosamente, à espera.

Isto escrevi em junho de 1957.

E um ano depois:

À espera

Olhos fitos no trono dos meus sonhos,

Aguardo a manhã ridente e calma

Que há-de trazer a paz à minha alma,

Esperada ansiosamente.

Virá, creio, quando, no Oriente, Raiar o sol de um dia alegre e bem-disposto,

Manhã serena de julho ou de

agosto,

Mais bela que as mais belas até hoje.

Mas... agora reparo: a vida foge!

Já se passaram tantos julhos radiantes

E nunca vi chegar esses instantes

Que há-de trazer-me a paz e a alegria!

Fico a cismar no que aconteceria

A tanto sonho e ilusão perdida,

E continuo a arrastar a vida Sempre à espera, à espera do grande dia!

O meu dia, como o de outros condiscípulos, chegou. Foi em 15 de agosto de 1959, na Sé.

Ordenou-nos D. António Bento Martins Júnior.

No santinho da minha Missa nova, que celebrei em Gondar, no dia seguinte, escrevi:

Hoje, que Te tomei nas mãos a vez primeira,

Escuta, Bom Jesus, a minha humilde prece:

Que a minha vida seja nobre sementeira

Que há-de frutificar, depois, em loira messe.

Foi também nesse dia que, padrinho de fresco, ainda na Sé, recebi do Cónego Apolinário Rodrigues Rios a notícia de que voltaria ao Seminário de Nossa Senhora da Conceição, agora como prefeito e professor. Aí permaneci seis anos.

V

Balanço de doze anos de formação

Dos 168 que entrámos no primeiro ano, em 14 de outubro de 1947, concluíram o curso de Teologia 30 e ordenaram-se sacerdotes 29. Destes, deixaram o exercício do sacerdócio ministerial 2. Um é Bispo.

Entre os que foram desistindo ao longo do curso houve-os que seguiram estudos superiores. Temos advogados, autarcas, bancários, comerciantes, economistas, enfermeiros, engenheiros, funcionários públicos, um juiz, políticos, um médico, um militar, um agente da Polícia de Segurança Pública,

professores de diversos graus de ensino (desde o básico ao universitário), técnicos de contas, etc.

O Seminário, onde os preços da pensão variavam conforme as possibilidades de cada família, contribuiu para que muitos adolescentes, a nível escolar, pudessem ir além da quarta classe da Instrução Primária.

Havia poucas escolas ofi-

estávamos distribuídos por três turmas) não permitia aos professores um acompanhamento muito personalizado. Mas no balanço que faço, as coisas têm de ser vistas na perspectiva de mais de meio século atrás.

Também havia professores que nem sempre tratavam os alunos com o devido respeito.

Não obstante todas estas e outras coisas, é da mais ele-



13 - Quadro de finalistas que ficou no Seminário Conciliar.

ciais de Ensino Secundário. Que me lembre, no concelho a que pertencia, Guimarães, havia o Liceu e a Escola Industrial Francisco de Holanda. Os colégios particulares, que também não abundavam, eram caros. As deslocações não eram fáceis porque havia poucos meios de transporte.

Penso que, se, até ao curso de Filosofia, os estudos tivessem equivalência oficial, o Seminário poderia ter evitado muitos problemas aos alunos que, não se sentindo vocacionados para o ministério sacerdotal, o deixaram. É um problema que hoje está resolvido, e ainda bem.

O exagerado número de alunos em cada turma (os 168 alunos do primeiro ano

mentar justiça salientar o relevante serviço que a Igreja, através dos seus Seminários, prestou ao País, numa altura em que, a nível escolar, os adolescentes das aldeias enfrentavam particulares dificuldades.

Há que prestar homenagem a quantos - professores, prefeitos, diretores espirituais, funcionários - com meios muito diferentes dos de hoje, contribuíram para a nossa formação.

Limitações houve que devem ser contextualizadas e relativizadas. Há que ter em conta os meios de que os responsáveis puderam dispor. Entrei para o Seminário dois anos depois de terminada a II Guerra Mundial, o que

não pode deixar de ser recordado. Portugal não entrou na guerra mas não deixou de sofrer muitas das suas más consequências. O Seminário tinha acolhido alguns adolescentes austríacos.

A disciplina era muito rigorosa e muito exigente. Mas a verdade é que o Seminário, também o Seminário Menor, onde todo o percurso começou, nos preparou para a vida, contribuindo para a formação do nosso caráter e o fortalecimento da nossa vontade; ajudando-nos a sermos homens organizados, metódicos, disciplinados; proporcionando-nos uma apreciável bagagem intelectual, mais no domínio das letras do que no das ciências, mas também nestas.

Além da referida bagagem intelectual, o Seminário, contribuiu para que estruturássemos a nossa personalidade. Deu-nos hábitos de ordem, de disciplina, de trabalho, valores que foram muito úteis pela vida fora. Conheci um empresário que, quando necessitava de admitir pessoal, dava preferência a ex-seminaristas.

Com quanto escrevi não quis lembrar pecados velhos. Quis, isso sim, mostrar como, em tempos muito diferentes dos de hoje e com meios muito diversos - jornais, apenas líamos o Diário do Minho e o Novidades; rádio, ouvíamos-lo às escondidas; televisão, ainda não havia (o primeiro programa que vimos foi a reportagem da inauguração do monumento a Cristo Rei, em Almada, penso que em 1959); computador e internet, nem se falava nisso; fotocopiadoras, não tínhamos, utilizando uns rudimentares policopiadores; máquina de escrever era um luxo de que não dispúnhamos. Tendo dormido na Sibéria; não dispoño nunca de casa de banho privativa; tendo apenas quarto (e nem todos) a partir do quinto ano (hoje, nono de escolaridade) - tendo vivido nas circunstâncias que referi, num clima de incomodidades e de exigência, nem por isso, modéstia à parte, deixámos de ser alguém na vida.

(Continua)